

ALBERTO LUIZ D

PROFESSOR

Faleceu no dia 30 de janeiro o professor Alberto Luiz da Rocha Barros, vítima de enfarto, aos 69 anos. Era um dos mais conhecidos e respeitados professores da USP por suas idéias e pela sua intensa militância política. Ao longo de suas atividades docentes, Rocha Barros sempre privilegiou o ensino da Física, marcando uma posição coerente, que o acompanhou toda a vida. Acreditava que a universidade deveria evidenciar, mais do que a pesquisa e a extensão, o debate acadêmico e o ensino, difundindo o aprendizado em todos os seus níveis. Talvez, por esta razão, não tenha se preocupado em ascender na carreira acadêmica, permanecendo Auxiliar de Ensino até o fim de sua vida. Na graduação era extremamente respeitado pelos seus alunos, que afluíam para as suas aulas. Antigo militante do PCB (Partido Comunista Brasileiro), soube como poucos aglutinar em torno de sua pessoa amigos das mais varia-

das tendências em que se divide a esquerda brasileira e, também, do centro democrático. Aberto ao diálogo, promovia com frequência a aproximação dessas forças sempre visando à defesa da universidade pública, autônoma, voltada para a excelência do ensino e da pesquisa. Em 1976, juntamente com dezenas de professores identificados com os princípios democráticos, começou a batalhar arduamente pelo retorno dos exilados e pela anistia política dos professores atingidos pelos atos de exceção. Contribuiu nesta época para a transformação da então Associação dos Auxiliares de Ensino da USP na atual Adusp, integrando a sua primeira diretoria provisória. Conhecido pelo seu bom humor, Rocha Barros era pródigo de idéias, contribuindo com frequência nas atividades da Adusp e com sugestões várias nas promoções do Instituto de Estudos Avançados da Universidade. Tendo retornado re-



Daniel Garcia

centemente de Cuba, trabalhava num projeto de intercâmbio com centros de ensino superior daquele país, para onde pretendia levar a sua colaboração como professor de Física, tão logo viesse a ser aposentado compulsoriamente, ao completar 70 anos. A USP perde um de seus quadros mais queridos, que se dedicou a vida inteira ao ensino, dando prioridade a uma das áreas universitárias pouco conceituadas nas avaliações adotadas nos últimos anos.

Diretoria da Adusp

A ROCHA BARROS E MILITANTE

Conheci o professor Alberto Luiz da Rocha Barros, fiz várias coisas com ele, às quais quero me referir, assim como a aspectos de sua personalidade não incluídos na sua condição de professor do Instituto de Física e militante do PCB, ambas verdadeiras, que prevaleceram nos artigos de homenagem publicados por ocasião de seu recente falecimento. Em 1990, organizamos conjuntamente um Simpósio Internacional em homenagem a Leon Trotski, realizado no Departamento de História da FFLCH, e que teve importante impacto nacional e internacional. Em 1991, organizamos, junto a docentes argentinos, o Congresso Internacional "Pasado, Presente y Perspectivas del Socialismo", realizado em outubro daquele ano na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Tive também o prazer de publicar o artigo de Rocha Barros, "Dialética e teoria da ciência", no volume *Marx e Engels na*

História, publicado pela Editora Humanitas (FFLCH/USP) como resultado do simpósio em homenagem aos 100 anos da morte de Friedrich Engels, realizado na FFLCH em novembro de 1995.

Alberto Luiz da Rocha Barros era filho de Alberto Rocha Barros, conceituado jurista e advogado trabalhista, que publicou na década de 40, pela Editora Laemmert (do Rio de Janeiro), o livro *A Legislação Trabalhista no Brasil*, primeira análise sistemática (e crítica) da legislação laboral do Estado Novo, inspirada na Carta del Lavoro do Estado fascista italiano. Rocha Barros pai tinha sido vinculado à Oposição de Esquerda (trotskista) da Internacional Comunista, representada no Brasil pelo grupo de Mário Pedrosa, e depois às primeiras organizações brasileiras da IV Internacional. Essas origens familiares condicionaram fortemente os primeiros passos (e toda a trajetória política) de Alberto Luiz, cujas primeiras experiências de militância política vincularam-se à Esquerda Democrática (onde militava seu pai), no

final da década de 40, e também ao Partido Socialista Revolucionário, seção brasileira da IV Internacional, liderado pelo jornalista Hermínio Sacchetta, d'*O Estado de S. Paulo*. Lembro-me de ter sido Rocha Barros, numa conversa de almoço de 1990, quem me esclareceu sobre os motivos da ruptura de Sacchetta e do PSR com a IV Internacional, em 1953, motivos que eu andava investigando sem sucesso como pesquisador da história da esquerda.

Rocha Barros nunca renegou as idéias da sua primeira juventude, o que significa que nunca foi um militante stalinista "obediente e cego" do PCB. Isso também explica a sua carreira diversa em relação aos dirigentes do ex-PCB, depois da crise e dissolução desse partido.

Na década de 50, Rocha Barros, junto com seu primo, o historiador Moniz Bandeira, se somou à Liga Comunista Internacionalista (LCI), de extrema-esquerda, orientada pelo mesmo Hermínio Sacchetta. Foi na LCI que fizeram seus primeiros passos políticos militantes e intelectuais do ga-

barito de Eder Sader, Michael Lowy, Emir Sader (irmão do primeiro) e outros. A LCI levava adiante sistemático combate, no campo da esquerda, às posições do PCB. Paralelamente, Rocha Barros desenvolvia sua "carreira" acadêmica (à qual nunca deu maior importância) no campo da Física, como discípulo de Mário Schemberg. Seu relativo desinteresse pelo progresso acadêmico deveu-se, sem dúvida, a seu profundo engajamento político.

Na década de 60, Rocha participou, junto com Moniz Bandeira e outros militantes da dissolvida LCI, das reuniões que dariam lugar à Polop (Política Operária), organização posteriormente engajada na luta armada contra o regime militar e desarticulada por causa da repressão. Foi justamente a desarticulação da extrema-esquerda sob a repressão desencadeada pelo regime militar, que levou Rocha Barros às fileiras do PCB, que estimava ser o único campo de militância possível nas condições de retrocesso na época da ditadura (mas também acompanhava com atenção a atividade de outras organizações de esquerda).

Em 1976, Rocha Barros foi um dos articuladores do nascimento da Adusp, originada na antiga Associação dos Auxilia-

res de Ensino, contra a ditadura e seus agentes na universidade, ao mesmo tempo em que ia se tornando o articulador político dos professores simpatizantes ou membros do PCB na USP. Nunca deixou de ter os olhos atentos para o que acontecia no restante da oposição, sendo o "padrinho" de grupos de esquerda independentes que desenvolviam um trabalho nas fábricas de São Paulo e, na década de 80, do Núcleo de Estudos d'O Capital do PT (Partido dos Trabalhadores). No entanto, criticava a carência de uma base teórica marxista no PT. Datam desta época suas disputas, como membro da chapa "Universidade", com a chapa "Participação", atual condução da Adusp.

Ainda assim, no final dos anos 80 e na década de 90, boa parte de seus antigos companheiros de luta aproveitou a nova situação política para ocupar cargos dirigentes, primeiro na universidade, e depois nos governos estadual e federal (incluindo o do "lembrado" Fernando Collor de Mello), trajetória que Rocha Barros recusou, tendo participado como construtor do IEA (Instituto de Estudos Avançados) da USP, e voltando também para a Adusp para defender a universidade pública e as reivindicações dos professores contra as políticas de FHC.

Sua defesa da Revolução Cubana foi outra constante e, no seu trabalho de construção do IEA, não se esqueceu de promovê-la. Além disso, ultimamente vinha estreitando laços com o professor Rafael Soler Martinez, diretor da Escola de História da Universidade de Oriente (Santiago de Cuba) e autor de uma importante tese sobre "O trotskismo em Cuba", que Rocha Barros sonhava em ver publicada no Brasil (bateu às portas de diversas editoras nesse sentido). Não tinha renegado, portanto, seus ideais ou sua trajetória da juventude e não os vendeu em troca de algum cargo administrativo no Estado, o que lhe teria sido fácil, dadas as suas vinculações.

Outros poderão se referir melhor do que eu à sua trajetória, nunca abandonada por "cargos em comissão", de professor do Instituto de Física da USP. Queria só deixar registrado meu respeito pela trajetória política, docente por cima de quaisquer divergências, de um homem que sintetiza a ousadia e as contradições de toda uma geração da esquerda brasileira depois da II Guerra Mundial e a dor que me provoca, depois de Eder Sader, de Florestan e de outros, a morte de mais um companheiro.

Que a semente de luta que nos deixou floresça nas novas gerações.

Oswaldo Coggiola